



UC/FPCE\_2015

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A influência do pensamento diversivo na  
sugestionabilidade interrogativa avaliada pela Escala  
de Sugestionabilidade de Gudjonsson**

Patrícia André de Castro (e-mail: [patriciacastro\\_25@live.com.pt](mailto:patriciacastro_25@live.com.pt))

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de especialização em  
Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em  
Psicologia Forense, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Salomé  
Ferreira Estima de Pinho

## **A influência do pensamento diversivo na sugestionabilidade interrogativa avaliada pela Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson**

### **Resumo**

Um dos principais propósitos da psicologia forense é a avaliação da credibilidade dos testemunhos. A sugestionabilidade interrogativa constitui um dos fatores de risco mais relevantes para a exatidão dos mesmos. Neste processo, a memória desempenha um papel importante, uma vez que é suscetível a erros, podendo-se criar memórias falsas ou deturpadas.

O presente estudo debruçou-se sobre a sugestionabilidade interrogativa, avaliada por ambas as versões da Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson (GSS), recorrendo ao paradigma da diversão. Foram, então, comparadas duas amostras, cada uma constituída por 36 estudantes do ensino superior. No grupo experimental foi incluído um pensamento diversivo autobiográfico (recordação da casa de infância) entre a apresentação das duas narrativas da GSS, enquanto no grupo de controlo foi solicitada a leitura rápida de um texto. Os principais objetivos foram apurar se o pensamento diversivo prejudicaria a recuperação de informação recentemente aprendida (história da primeira GSS apresentada) e, conseqüentemente, aumentaria a sugestionabilidade interrogativa. Procurou-se, ainda, verificar se o grau de autoestima influenciaria este tipo de sugestionabilidade. Foram aplicadas, a ambas as condições, os seguintes instrumentos: as duas versões da GSS, a Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES) e o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI), para a exclusão de sujeitos com psicopatologia.

Os resultados obtidos permitiram concluir que o grupo experimental (condição com o pensamento diversivo) apresenta menor desempenho mnésico na evocação da GSS apresentada em primeiro lugar, obtendo-se, pela primeira vez, o efeito amnésico do devaneio em histórias. Foi ainda notória a superioridade da sugestionabilidade interrogativa do grupo experimental na GSS aplicada em primeiro lugar (índices Cedência 1 e Sugestionabilidade Total), o que constitui também um resultado novo. Neste estudo, não foram encontradas correlações significativas entre a autoestima e a sugestionabilidade.

Tendo o presente estudo um caráter pioneiro, é necessária mais

investigação sobre a relação entre a sugestionabilidade interrogativa e o devaneio.

Palavras-chave: sugestionabilidade interrogativa, memória, paradigma da diversão, autoestima.

.

## **The influence of diversionary thought in interrogative suggestibility assessed by the Gudjonsson Suggestibility Scale**

### **Abstract**

One of the main purposes of forensic psychology is the assessment of the credibility of witnesses. Interrogative suggestibility is one of the most important risk factors for its accuracy. In this process, memory plays an important role since it is susceptible to errors and can create false or misleading memories.

This study examined interrogative suggestibility, assessed by both versions of the Gudjonsson Suggestibility Scale (GSS), using the diversion paradigm. We compared two samples, each consisting of 36 college students. In the experimental group was included an autobiographical diversionary thought (the recall of the childhood home) between the presentation of the two narratives of GSS, while the control group was asked to read a text as fast as possible. The main objectives were to examine whether the diversionary thought would impair the recall of recently learned information (the history of the first GSS presented), and consequently there were an increase of interrogative suggestibility. We also examined if the degree of self-esteem takes influence on this type of suggestibility. Were administered, to both groups, the following instruments: The two versions of the GSS, Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES), and the Brief Symptom Inventory (BSI) to exclude subjects with psychopathological symptoms.

The results showed that the experimental group (condition with diversionary thought) has lower recall of the GSS story presented first, showing, for the first time, the amnesic effect of daydreaming in stories. It was also evident the superiority of interrogative suggestibility of the experimental group at the GSS applied first (scores Yield 1 and Total Suggestibility), which is also a new result. In this study, there were no significant correlations between self-esteem and suggestibility.

Given the pioneer character of this study we suggest that more research should be done on the relationship between interrogative suggestibility and daydreaming.

Key-words: interrogative suggestibility, memory, diversion paradigm, self-esteem.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, um agradecimento especial à Professora Doutora Maria Salomé Pinho, por todo o apoio. Pela qualidade de orientação, rigor, tolerância e disponibilidade, imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Aos meus pais e irmã que estiveram presentes em todo o meu percurso académico. Por toda a paciência nos piores momentos e pelo encorajamento, especialmente nesta última fase.

Às amigas mais importantes que Coimbra me deu: Andreia, Ana Rita, Raquel, Cheila, Joana e Iolanda. Por estarem comigo nos bons e maus momentos, pelo apoio, amizade, ajuda, sorrisos e brincadeiras. Obrigada por fazerem parte da minha história, levo-vos comigo para a vida.

Ao Valim, pelo amor, compreensão, apoio e tolerância nos momentos de aperto.

Aos meus amigos de “lá de cima” pelas alegrias, pelo suporte e pela presença constante, apesar da distância.

A todos os participantes pela disponibilidade, pois sem eles este estudo não se concretizaria.

A todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, me acompanharam durante a minha trajetória académica.

À Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e ao corpo docente pela formação de excelência ao longo destes 5 anos, que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A Coimbra, cidade que me fez crescer, que viverá sempre dentro de mim.

## **Índice**

<b>Introdução</b>	1
<b>I. Enquadramento concetual</b>	2
1. Sugestionabilidade Interrogativa	2
1.1. Modelo de Gudjonsson e Clark	4
1.2. Escalas de Sugestionabilidade de Gudjonsson	6
1.3. Sugestionabilidade e Autoestima	8
2. Memória e Pensamento Diversivo	10
<b>II. Objetivos</b>	13
<b>III. Metodologia</b>	13
1. Amostra	13
2. Procedimentos	14
3. Instrumentos	15
3.1. Escalas de Sugestionabilidade de Gudjonsson – GSS1 e GSS2	15
3.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos – BSI	16
3.3. Escala de Autoestima de Rosenberg – RSES	17
<b>IV. Resultados</b>	18
1. Comparação de resultados obtidos na GSS entre o grupo de controlo e o grupo experimental	19
1.1. Indicadores de desempenho mnésico	19
1.2. Indicadores de sugestionabilidade	20
2. Correlações entre as medidas da GSS e autoestima	21
<b>V. Discussão</b>	22
<b>Conclusões</b>	26

<b>Bibliografia</b>	28
<b>Anexos</b>	34
ANEXO I. Consentimento Informado	35
ANEXO II. Instruções para a tarefa de velocidade de leitura e paradigma da diversão	36

## Introdução

A psicologia forense articula a aplicação dos aspetos judiciais com o conhecimento do comportamento humano através de princípios, teorias e métodos derivados de estudos empíricos, os quais fundamentam a sua prática profissional (Canter, 2010). Na Europa, a psicologia forense teve origem no estudo do testemunho e da sugestão, áreas que continuam em constante desenvolvimento (Fonseca, 2006). Neste âmbito, um dos principais objetivos desta disciplina passa pela averiguação da veracidade e credibilidade dos testemunhos (e.g., Gonçalves, 2010).

A sugestionabilidade interrogativa refere-se à tendência de um indivíduo para responder de certa maneira perante uma sugestão externa, estando esta tendência relacionada com as suas características pessoais (Gudjonsson, 2010). Assim sendo, a sugestionabilidade constitui um fator de risco para a exatidão dos depoimentos das testemunhas (Pires, 2011).

A memória humana é propensa a erros podendo-se formar memórias distorcidas decorrentes de sugestões externas. Estas memórias falsas ou incompletas podem tornar-se tão reais e detalhadas como as memórias verdadeiras (Loftus, 2003). Foi também observado empiricamente que o devaneio mental ou pensamento diversivo, o qual envolve pensamentos não relacionados com a tarefa corrente (como preocupações, memórias de eventos, cenários futuros), está associado a interferências na memória (e.g., Smallwood & Schooler, 2006; Smallwood, McSpadden, & Schooler, 2007).

O presente estudo aborda a influência do pensamento diversivo, relativo a uma memória autobiográfica remota, na sugestionabilidade interrogativa, partindo do efeito amnésico conhecido que este provoca na evocação de uma lista de palavras. Pretende-se também explorar a relação entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa, visto que indivíduos com baixa autoestima parecem não lidar bem com as exigências dos interrogatórios (Gudjonsson, 2003). Neste âmbito, o estudo da sugestionabilidade interrogativa e de variáveis que a influenciam, aliado às consequências que o pensamento diversivo possa ter na memória de eventos, torna-se de especial interesse, quer do ponto de vista da investigação quer da intervenção, para se procurar diminuir a ocorrência de distorções nos

testemunhos.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1. Sugestionabilidade interrogativa**

O conceito de sugestionabilidade está originalmente ligado à explicação de fenómenos hipnóticos (avaliação da influência da sugestão nos sistemas motor e sensorial) e outras respostas comportamentais subconscientes (Ridley, 2013).

Bernheim (1888 como citado em Gheorghiu, 1989) considerou a sugestão não só como um veículo para o fenómeno hipnótico, mas também como um princípio fundamental para a explicação do mesmo. Segundo este autor, hipnose e sugestão teriam um carácter psicológico e a elevada sugestionabilidade constituiria uma característica central da hipnose. Pretendeu mostrar que os efeitos da sugestão relativos à hipnose podiam também ser espoletados independentemente do procedimento hipnótico. No entanto, devido à circularidade desta ideia, que baseava a explicação de uma variedade de fenómenos somente através da sugestão, esta não prevaleceu no estudo da hipnose (Gheorghiu, 1989).

As observações resultantes dos estudos de Cattell (1895 como citado em Drake, 2009) com estudantes universitários despertaram interesse na pesquisa da memória de testemunhas. Estas experiências incluíam questões sugestivas sobre um evento encenado, sendo solicitado o grau de confiança dos sujeitos em relação às suas respostas. Os resultados revelaram uma imprecisão grande das respostas dos sujeitos, aliada a uma confiança elevada (Drake, 2009).

Binet (como citado em Gudjonsson, 2003), no início de século XX, chegou à conclusão de que atitudes, expectativas e imaginação eram relevantes na avaliação da sugestionabilidade. Defendeu a possibilidade deste conceito ser estudado empiricamente através de métodos diretos, conduzindo experiências nas quais eram colocadas perguntas sugestivas relativas a uma imagem apresentada aos sujeitos. Estes estudos permitiram mostrar que perguntas sugestivas, devido à maneira como são formuladas, podem levar a respostas distorcidas (Gudjonsson, 2003). Binet chegou a conclusões importantes sobre a influência externa na aceitação da sugestão:

o sujeito seria obediente ou aberto a influência mental, com tendência para imitar, e a sugestão anulava o sentido crítico do sujeito (Drake, 2009). Posteriormente, Stern (1939 como citado em Gudjonsson, 2003) foi ao encontro destas conclusões, reunindo resultados empíricos que indicavam que certas pessoas podem aceitar informação enganosa quando interrogadas de maneira sugestiva.

Na década de 40, estudos de Eysenck e Furneaux (1945 como citado em Gudjonsson, 2003), distinguiram dois tipos de sugestibilidade: primária e secundária. Segundo estes autores, a sugestibilidade primária consistia em testes ideo-motores (e.g., teste do suor corporal), com correlações elevadas com a hipnose. Por sua vez, a sugestibilidade secundária envolvia fenômenos mais complexos do que a primeira, incluindo testes sensoriais e perceptivos. Eram, neste caso, usadas técnicas indiretas como a apresentação de um estímulo e situações modelo; processos motores, pela repetição de instruções diretas persuasivas; e processos de memória, através de questões sugestivas. No entanto, não foram encontradas provas suficientemente fiáveis para admitir este último tipo de sugestibilidade (Gheorghiu, 1989).

Assim, com os estudos de Cattell, Binet, Eysenck e Furneaux e também de Benton e Bandura (1953 como citado em Drake, 2009) a sugestibilidade passou a ser vista como um conceito comportamental que podia ocorrer no estado consciente, sob a influência de outra pessoa, e não somente após hipnose (Drake, 2009).

Em 1983, Gudjonsson introduz um novo tipo de sugestibilidade interrogativa relacionado com a situação em que um entrevistador é capaz de levar o entrevistado a mudar respostas através de *feedback* negativo (Ridley, 2013). Esta forma de *feedback* consiste em informar que uma resposta dada não é aceite.

Estudos preliminares distinguiram duas abordagens relativas à sugestibilidade interrogativa: a abordagem das diferenças individuais e a experimental. A primeira é incorporada no modelo de Gudjonsson e Clark (1986), que encara a sugestibilidade interrogativa como estando dependente de estratégias de *coping* utilizadas em face de incerteza e de expectativas em relação à situação de interrogatório. Esta abordagem pressupõe que a sugestibilidade interrogativa é mediada por fatores

cognitivos e de personalidade (Gudjonsson, 1999). Por sua vez, a abordagem experimental de Schooler e Loftus (1986 como citado em Gudjonsson, 2003) foca-se na compreensão das condições sob as quais questões sugestivas podem afetar relatos verbais de testemunhas.

Os conceitos de sugestionabilidade interrogativa e de complacência podem causar equívocos na sua identificação, pelo que é importante fazer a distinção entre eles. Enquanto o primeiro envolve a aceitação da informação, o último ocorre quando, por exemplo, o entrevistado cede a instruções, mesmo sabendo que as suas respostas estão incorretas ou discordando de alguma informação que lhe foi fornecida, de modo a obter algum ganho instrumental (Bain & Baxter, 2000). O desejo de agradar e a necessidade da pessoa proteger a sua própria autoestima, juntamente com o evitamento de conflito e confronto com o entrevistador são determinantes na ocorrência de complacência (Gudjonsson, 2003). Neste processo, o indivíduo recorre a pistas situacionais ao invés da memória, podendo perder a noção da contradição entre o que diz e a verdade (Bain & Baxter, 2000).

### **1.1. Modelo de Gudjonsson e Clark (1986)**

A sugestionabilidade interrogativa é definida por Gudjonsson e Clark (1986 como citado em Ridley, 2013) como “o grau em que, no contexto de uma interação social fechada, as pessoas aceitam mensagens veiculadas num interrogatório formal e, como consequência, alteram o seu comportamento” (p. 46). O Modelo Teórico da Sugestionabilidade Interrogativa de Gudjonsson e Clark distingue dois tipos de sugestionabilidade: a tendência para ceder perante a sugestão e a tendência para alterar a resposta após *feedback* negativo (Shobe & Kihlstrom, 2002).

Neste modelo, a sugestionabilidade interrogativa é considerada como sendo relativamente estável ao longo do tempo, devido a diferenças individuais também elas estáveis a nível cognitivo (memória, inteligência) e de personalidade (autoestima, métodos de *coping* com stress, ansiedade, dependência de aprovação social). Estas medeiam, então, a sugestionabilidade e são preditivas da maneira como a pessoa poderá lidar com um interrogatório real (Gudjonsson, 2003).

O modelo de Gudjonsson e Clark (1986 como citado em Gudjonsson, 2003) é constituído por cinco componentes interrelacionados: uma interação

social privada; um interrogatório acerca de eventos passados e experiências, o que implica o recurso à memória; um estímulo de natureza sugestiva, que contém certas premissas e expectativas e cujo contexto em que surge pode torná-lo mais ou menos sugestivo; uma aceitação desse estímulo, i.e., a sugestão deve ser percebida como plausível e credível; e uma resposta comportamental reveladora da aceitação da sugestão, embora o indivíduo se possa mostrar relutante em se comprometer com uma resposta definitiva (Gudjonsson, 1989, 2003).

Este modelo constrói a sugestionabilidade interrogativa como resultado da interação com outrem no ambiente social e físico. Esta situação de interrogatório espoleta a adoção, por parte dos indivíduos, de expectativas relativas a pensamentos, recordações e informação social, que resulta numa resposta sugestionada ou, então, resistente à sugestão (Shobe & Kihlstrom, 2002). Este aspeto será retomado mais adiante. A sugestionabilidade interrogativa, como foi mencionado anteriormente, está dependente das estratégias de *coping* que os indivíduos geram e implementam quando confrontados com a incerteza e as expectativas que têm do entrevistador, a nível das suas intenções e fiabilidade (Mastroberardino & Marucci, 2012). A confiança interpessoal constitui outro requisito na cedência à sugestão: esta implica a crença de que o entrevistador é genuíno nas suas questões. Entrevistados que suspeitam das intenções do entrevistador ficam mais reticentes na aceitação de informações sugestivas, mesmo em face de incerteza (Gudjonsson, 2003). A incerteza ocorre quando o sujeito não sabe a resposta correta à questão que lhe foi colocada e está relacionada com a capacidade de memória e conhecimento de cada um. Assim, em caso de incerteza, quanto menor o quadro de referência interna do indivíduo, maior a sua suscetibilidade à sugestão (Shobe & Kihlstrom, 2002).

Existe uma ligação entre as variáveis acima descritas: a confiança depende da medida em que o entrevistado é capaz de detetar que está a ser enganado e da qualidade das suas lembranças. Também as perguntas sugestivas colocadas devem ser subtis e credíveis, caso contrário a sugestão é rejeitada. As expectativas de sucesso constituem outro fator determinante da sugestionabilidade interrogativa, que operam juntamente com a incerteza e a confiança interpessoal. Muitas pessoas ficam reticentes em declarar a sua incerteza, uma vez que acreditam que devem dar uma resposta exata e

correta, pois consideram que é expectável que elas saibam qual é essa resposta (Gudjonsson, 1989).

Uma estratégia de *coping* que ajude os sujeitos a resistir à sugestão envolve a capacidade de encarar a situação objetiva e criticamente, não se comprometer com uma resposta sem ter a certeza dos factos e não ter relutância em admitir a falibilidade da sua memória, em face de incerteza (Gudjonsson, 2003).

O *feedback*, que já referimos brevemente, tem um papel fulcral na cedência à sugestão, especialmente quando é negativo. Neste caso, é comunicado ao sujeito que a sua resposta não é aceitável. Esta informação pode surgir de forma implícita, por exemplo, quando as perguntas são repetidas várias vezes, implicando que a resposta dada não é aceitável; ou explícita, quando o entrevistador transmite abertamente ao sujeito que foram cometidos vários erros nas respostas (Shobe & Kihlstrom, 2002). O *feedback* negativo pode provocar dois efeitos distintos: mudança da resposta prévia, por parte do entrevistado ou aumento da sua vulnerabilidade à sugestão contida noutras questões. Quando o *feedback* negativo é aceite podem ocorrer reações emocionais e fisiológicas que fomentam a incerteza, o que, por sua vez, aumenta a suscetibilidade à sugestão. No entanto, alguns sujeitos podem encarar o *feedback* negativo como forma de melhorar o seu desempenho, tornando-os ainda mais resistentes à sugestão, o que resulta num olhar mais crítico da situação e do entrevistador (Bain & Baxter, 2000).

## **1.2. Escalas de Sugestionabilidade de Gudjonsson**

O desenvolvimento de um instrumento padronizado e objetivo que medisse aspetos importantes da sugestionabilidade na situação de interrogatório de suspeitos, vítimas e testemunhas, revelou ser essencial. Perante esta lacuna, Gudjonsson construiu, entre 1984 e 1987, as Escalas de Sugestionabilidade de Gudjonsson (GSS1 e GSS2 - formas paralelas do mesmo teste), para avaliar as diferenças individuais relativas à sugestionabilidade interrogativa (Gudjonsson, 2003). Estas escalas destinam-se à aplicação clínica e forense, sendo utilizadas também com o objetivo de pesquisa e expansão dos conhecimentos relativos à sugestionabilidade interrogativa e suas variáveis mediadoras e mecanismos. Apesar de serem semelhantes em termos de estrutura, administração e cotação, as duas escalas

diferem no conteúdo das narrativas e nas questões. A GSS1 tem conteúdo criminal, tratando-se de uma narrativa que descreve o roubo fictício de uma carteira. Por sua vez, a GSS2 apresenta conteúdo não criminal, onde é exposta uma história relacionada com um casal que socorre um rapaz de um acidente de bicicleta.

Estas escalas apresentam várias vantagens: podem ser aplicadas fácil e rapidamente em diferentes situações de avaliação; medem o impacto de questões sugestivas e de pressão interpessoal, revelando ser úteis na identificação de vulnerabilidades do sujeito aquando do interrogatório; contêm vários índices relativos a diferentes grupos de indivíduos, o que as tornam mais fiáveis; além de avaliarem a sugestionabilidade interrogativa, apresentam um valor objetivo da capacidade de memória do sujeito para material apresentado verbalmente. Este último aspecto, é útil na interpretação da sugestionabilidade interrogativa, uma vez que dá uma indicação do funcionamento intelectual do sujeito e ajuda a determinar a pressão sob a qual este se encontrava na altura do interrogatório (Gudjonsson & Lister, 1984).

A administração de cada escala inicia-se pela audição de uma narrativa composta por 40 segmentos / unidades de cotação. Os sujeitos são instruídos para ouvirem atentamente e tentarem recordar o máximo possível da história. Imediatamente após a apresentação desta, é pedido a cada sujeito para evocar tudo o que for capaz dessa história - evocação imediata (Gudjonsson, 1984). As palavras usadas pelo sujeito não necessitam de ser exatamente iguais às contidas na narrativa (Drake, 2010), mas devem preservar o sentido veiculado pelo material original. O procedimento tradicional envolve uma espera de 50 minutos, na qual são realizadas tarefas não relacionadas com as anteriores, seguida da segunda evocação da narrativa - evocação diferida. Esta fase do procedimento é opcional.

É, seguidamente, efetuado um questionamento formal ou interrogatório composto por 20 perguntas baseadas no conteúdo da história apresentada. Cinco questões contêm informações verdadeiras e exigem uma resposta afirmativa, não estando relacionadas com a cotação da sugestionabilidade interrogativa. As restantes quinze questões são enganadoras, ou seja, sugerem que certos detalhes fazem parte da narrativa, embora não seja o caso (Gudjonsson, 2003). As questões enganadoras

podem ser classificadas como (i) sugestivas, i. e., formuladas de maneira a incluir uma ou mais premissas que criem certas expectativas de resposta; (ii) afirmativas, ou seja, tendem a ter um efeito sugestivo devido a favorecerem uma resposta afirmativa, criando dúvida no sujeito; e, (iii) questões com alternativas falsas, de resposta fechada que implicam a presença de objetos, pessoas ou eventos não mencionados na narrativa (Gudjonsson, 1984). Na fase seguinte, é administrado o *feedback* negativo, mediante o qual é comunicado ao sujeito que cometeu diversos erros sendo necessário repetir as perguntas, e solicita-se que seja mais preciso do que anteriormente. Esta fase é obrigatória, independentemente da ocorrência de erros (Gudjonsson, 2003). Com a repetição das perguntas, é determinada a cedência às questões sugestivas, depois do *feedback* negativo (Cedência 2) e o índice Mudança, que avalia a alteração das respostas iniciais. A Sugestionabilidade Total engloba a vulnerabilidade à informação falsa e à pressão interrogativa, sendo obtida pela soma dos índices Cedência 1 (este obtém-se através do número de perguntas sugestivas a que o sujeito cede, na primeira fase do questionamento, antes do *feedback* negativo) e Mudança (Baxter & Boon, 2000).

### **1.3. Sugestionabilidade e autoestima**

A autoestima pode ser definida como o conjunto de crenças de cada indivíduo em relação ao seu próprio valor pessoal (Meggert, 1989), sendo baseado nas percepções de experiências pessoais e *feedback* obtido de outros (Hamacheck, 1987). A autoestima global abrange estados afetivos, perspectivas específicas de cada sujeito e a maneira como estes as enquadram (Jonhson, 1998).

Segundo Silber e Tippett (1965), este conceito refere-se à atitude e satisfação que um indivíduo mostra em relação a si mesmo, que reflete a ligação entre a autoimagem atual e a autoimagem ideal. Assim sendo, quanto maior a discrepância entre estas duas autoimagens, menor a autoestima, acontecendo o contrário, quanto maior a aproximação entre ambas.

A autoestima pode ser subdividida em duas dimensões distintas: competência e valor (Gecas, 1982; Gecas & Schwalbe, 1983). A primeira dimensão refere-se ao grau em que cada um se considera capaz e eficiente, enquanto a segunda é referente ao grau em que os indivíduos sentem que

têm valor (Cast & Burke, 2002).

Foram encontradas relações significativas entre a autoestima e sugestionabilidade interrogativa (Gudjonsson & Lister, 1984; Singh & Gudjonsson, 1984; Baxter, Jackson, & Bain, 2003; Bain, Baxter, & Fellowes, 2004). Sentimentos de incompetência e impotência influenciam a sugestionabilidade interrogativa, no sentido em que aumentam o risco de aceitação de informação enganosa (Gudjonsson & Lister, 1984), especialmente se o indivíduo não estiver familiarizado com os procedimentos de interrogatório (Singh & Gudjonsson, 1984). A autoestima baixa pode influenciar positivamente a sugestionabilidade interrogativa, se o indivíduo perceber ser alvo de uma avaliação cognitiva negativa no contexto de entrevista. Esta percepção pode resultar numa tendência para ceder a perguntas sugestivas, especialmente quando está presente o *feedback* negativo, providenciado pelo entrevistador (Gudjonsson, 2003). A aceitação do *feedback* negativo influencia a autoestima, aumentando os níveis de ansiedade e incerteza. Autoestima baixa resulta em pensamentos e estratégias de *coping* que levam os entrevistados a serem mais propensos a procurar pistas externas, ao invés de confiarem no seu julgamento e referências pessoais (Gudjonsson, 1999). Por sua vez, sujeitos com elevados níveis de autoestima mostram maior resistência à pressão interrogativa, devido à maior tendência para terem suspeitas, espírito crítico e cautela (Baxter et al., 2003).

Bain et al. (2004) observaram uma relação significativa entre autoestima e sugestionabilidade interrogativa medida pelo índice *Mudança*. Por outro lado, Baxter et al. (2003) chegaram à conclusão que participantes com baixa autoestima obtêm valores mais elevados nos índices *Cedência 1*, *Cedência 2*, *Mudança* e *Sugestionabilidade Total*. Segundo estudos de Gudjonsson e Lister (1984), o comportamento do entrevistador também pode afetar a autoestima: técnicas que reduzam a autoestima e a confiança (através da percepção de falta de controlo e competência) tendem a aumentar a sugestionabilidade interrogativa. No entanto, Drake, Bull e Boon (2008) não encontraram correlações significativas entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa, avaliada pela GSS1.

## 2. Memória e Pensamento Diversivo

A memória é central para praticamente tudo o que fazemos e usamo-la sem termos consciência. É essencial para a adaptação ao ambiente que nos rodeia, pois permite armazenar e recuperar as lembranças das nossas experiências. Serve também como um espaço de trabalho, a partir do qual realizamos atividades cognitivas quotidianas (Weisberg & Reeves, 2013).

De acordo com várias investigações, a memória seria constituída por sistemas múltiplos e interrelacionados, existindo diferentes tipos de memória com funções distintas (e.g., Tulving, 1985). Foram identificadas, então, a memória sensorial, a memória a curto prazo, ou memória de trabalho, e a memória a longo prazo.

A memória a curto prazo (MCP), ou memória de trabalho, é fundamental para desempenhar tarefas cognitivas, apesar de apresentar limites quanto à capacidade de armazenamento e reter a informação apenas por um curto período de tempo (Baddeley, 1999). Já a memória a longo prazo (MLP), cuja principal função é armazenar as nossas experiências e conhecimentos, tem capacidade ilimitada e duração indefinida. Esta divide-se em memória declarativa e não declarativa (Tulving, 2002). A primeira é uma memória que pode ser acedida a partir de pistas verbais e relato verbal, subdividindo-se em memória semântica e episódica (Lieberman, 2012). A memória semântica inclui o conhecimento de factos e permite a construção de modelos mentais do mundo (Tulving, 1985). A memória episódica (autobiográfica) tem a capacidade de armazenar experiências e eventos autobiográficos específicos, permitindo viajar mentalmente no tempo subjetivo do sujeito. Esta capacidade possibilita a reexperiência, através de consciência autooética, de eventos prévios, situando-os temporal e espacialmente (Tulving, 2002). A memória não declarativa da MLP envolve a memória procedimental, essencial na realização de tarefas motoras, cujos processos são recuperados automática e inconscientemente. Inclui ainda a aprendizagem associativa (condicionamento simples) e não associativa. No contexto forense, mais especificamente nos testemunhos, é a memória declarativa que se considera ter mais importância.

Podemos distinguir três processos centrais na memória: a codificação, armazenamento e recuperação. A codificação refere-se à aprendizagem da informação envolvendo uma transformação da informação sensorial

relevante em representações mentais. Esta aprendizagem pode ser deliberada ou incidental e convoca a atenção e a intervenção de outras funções cognitivas, de modo a que sejam selecionados os estímulos relevantes para o indivíduo. Depois de codificada, a informação é armazenada na MCP ou na MLP. A recuperação é o processo pelo qual a informação armazenada pode ser utilizada, expressando-se através de comportamentos (Charchat & Moreira, 2008).

Estudos recentes mostram que o devaneio ou pensamento diversivo pode influenciar o desempenho mnésico (e.g., Sahakyan & Kelley, 2002). O devaneio transporta mentalmente os indivíduos para outro lugar ou época e torna-se fundamental para a condição humana. Podemos chamar devaneio ao desvio da atenção, consciente ou não, de um estímulo externo para pensamentos internos: preocupações, fantasias e lembranças de eventos (Smallwood & Schooler, 2006). Este interfere na realização da tarefa em curso devido à redução de recursos direcionados para a mesma, dificultando a recuperação da informação (Smallwood et al., 2007). O devaneio ocorre devido à capacidade de reconstrução ou simulação da mente, revelando ser um mecanismo adaptativo, uma vez que permite uma experimentação mental de cada situação (Mooneyham & Schooler, 2013). Estudos têm salientado algumas funções do devaneio diário, como a antecipação e planeamento de objetivos futuros, ou o planeamento autobiográfico, e o pensamento criativo (Mcvay & Kane, 2009; Smallwood, O' Connor, Sudberry, Haskell, & Ballantyne, 2004). No entanto, pensamentos não relacionados ou fora da tarefa em curso também podem ser orientados para eventos passados, não associados a um processamento orientado por objetivos (Baird, Smallwood, & Schooler, 2011).

Os eventos ocorridos são codificados em ambientes físicos, tempo e contexto socioemocional específicos, juntamente com características do contexto, que funcionam como pistas na recuperação e evocação destes. A mudança de contexto operada na aprendizagem de nova informação é uma explicação para o esquecimento de eventos passados, visto que as pessoas conhecem novos ambientes, pessoas e coisas ao longo da sua vida. Assim, alguns pensamentos diversivos ou devaneios podem envolver maior mudança de contexto em comparação com outro tipo de pensamentos, causando maior prejuízo na memória (Delaney, Sahakyan, Kelley, &

Zimmerman, 2010).

Resultados de vários estudos indicam que o devaneio acarreta prejuízos na codificação e respetiva recuperação mnésica (e.g., Smallwood, Baracaia, Lowe, & Obonsawin, 2003; Smallwood, O'Connor, Sudberry, & Obonsawin, 2007; Maillet & Rajah, 2013) e na compreensão da leitura (e.g., Schooler, Reichle, & Halpern, 2004; Smallwood, McSpadden, & Schooler, 2008).

Sahakyan e Kelley (2002) desenvolveram uma tarefa operatória designada paradigma da diversão, na qual é pedido aos participantes que memorizem duas listas de palavras diferentes. No grupo experimental, entre a aprendizagem das duas listas, ocorre um pensamento diversivo, como a recordação da sua casa de infância, das últimas férias ou que imaginem o que fariam se fossem invisíveis. Por sua vez, ao grupo de controlo é apresentada uma tarefa que não envolve este tipo de pensamento, como por exemplo, a leitura rápida de um texto. Os resultados obtidos indicam que os sujeitos na condição experimental, que se envolvem em pensamento diversivo, lembram-se de menos itens da primeira lista do que os sujeitos da condição controlo (Sahakyan & Kelley, 2002). Esta diminuição da evocação foi denominada efeito amnésico do devaneio (Delaney et al., 2010). A mudança do pensamento orientado para a tarefa em curso, decorrente do pensamento diversivo, cria um novo contexto mental em que os itens subsequentes são codificados, o que resulta no maior esquecimento dos itens da primeira lista, causando um efeito semelhante ao esquecimento resultante de uma mudança física de contexto (Delaney et al., 2010). Delaney et al. (2010) propõem que quando os indivíduos imaginam um evento, viajam mentalmente, compenetrando-se no contexto deste. Assim, um evento imaginado pode criar uma discrepância contextual elevada com a realidade atual, especialmente se for um pensamento acerca de um tempo ou lugar distante, causando maior esquecimento do que a memória de um evento recente.

Não se encontram na literatura estudos sobre a eventual influência do pensamento diversivo na sugestibilidade interrogativa.

## II – Objetivos

O objetivo principal da presente investigação foca-se na influência do pensamento diversivo ou devaneio, relativo a uma recordação autobiográfica remota, na sugestionabilidade interrogativa, numa amostra de estudantes universitários. Pretende-se averiguar, ainda, a influência da autoestima no grau de sugestionabilidade interrogativa. Foram formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de controlo e o experimental (condição que inclui o pensamento diversivo), apresentando o segundo menor desempenho mnésico na evocação da primeira história apresentada da GSS, ou seja, obter-se-ia o efeito amnésico do devaneio.

Hipótese 2: existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de controlo e o experimental quanto à sugestionabilidade interrogativa: o grupo de controlo apresenta menor sugestionabilidade na GSS administrada em primeiro lugar.

Hipótese 3: existe uma relação negativa e estatisticamente significativa entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa: quanto maior a autoestima, menores os níveis deste tipo de sugestionabilidade.

## III - Metodologia

### 1. Amostra

A amostra deste estudo é composta por 72 estudantes do ensino superior, distribuídos aleatoriamente por duas condições. Ambos os grupos (controlo e experimental) são constituídos por 36 jovens entre os 18 e os 26 anos. A escolaridade da amostra varia entre o primeiro ano de licenciatura e o segundo ano de mestrado, sendo os estudantes provenientes da Universidade de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra, Instituto Superior de Engenharia de Coimbra, Universidade do Porto e Instituto Universitário da Maia. A localidade de proveniência dos participantes abrange vários distritos do Norte e Centro, maioritadamente. A amostra foi recolhida entre Fevereiro e Novembro de 2014. Foi utilizado como critério de exclusão a presença de psicopatologia, avaliada pelo Inventário de Sintomas Psicopatológicos (*Brief Symptom Inventory* – BSI; Influência do pensamento diversivo na sugestionabilidade interrogativa avaliada pela Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson

Derogatis, 1982; versão portuguesa de Canavarro, 1999), mais especificamente através do Índice de Sintomas Positivos (ISP), no qual um valor igual ou superior a 1.7 indica perturbação emocional.

Todos os participantes foram recrutados de forma voluntária, sendo elucidados acerca dos objetivos da investigação, juntamente com a garantia de anonimato dos seus dados. Foi obtido, também, o respetivo consentimento, no qual os participantes eram informados de que poderiam desistir do estudo a qualquer momento.

## 2. Procedimentos

Após a obtenção do consentimento informado, os dados foram recolhidos em sessões individuais com duração de cerca de 40 minutos. Foram utilizadas duas versões do material para cada grupo, de modo a contrabalancear a ordem de apresentação das GSS. Os participantes foram advertidos para manterem a atenção durante a apresentação das histórias, uma vez que lhes seria pedido para as recordarem posteriormente e seriam questionados sobre as mesmas. No grupo experimental, a aplicação iniciou-se pela audição da GSS-1 ou GSS-2 (18 participantes iniciaram a sessão com a GSS1 e outros 18 com a GSS2, de forma aleatória). A etapa seguinte consistiu na tarefa do pensamento diversivo, na qual cada participante foi instruído para visualizar a casa onde viveu durante a sua infância e para descrevê-la em pormenor: os compartimentos, mobília e objetos existentes. Esta tarefa teve a duração de 45 segundos. A audição da segunda história da GSS (GSS2 ou GSS1, consoante a versão pela qual se iniciou a aplicação) constituiu a fase seguinte, seguindo-se uma tarefa distrativa de contagem na ordem inversa a partir do número 125, durante 90 segundos. Seguidamente, foi pedida a evocação livre da história da versão da GSS apresentada em primeiro lugar e só depois da versão da GSS ouvida após o pensamento diversivo. Foram, então, colocadas as 20 perguntas, 15 das quais sugestivas, relativas à história da GSS apresentada em primeiro lugar, seguidas de *feedback* negativo e repetição das mesmas perguntas. O procedimento foi o mesmo em relação à história da GSS apresentada em segundo lugar. Por último, foram administrados o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Derogatis, 1982; versão portuguesa de Canavarro, 1999) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES; Rosenberg, 1965; versão portuguesa de

Santos & Maia, 2003), culminando com perguntas sobre o pensamento diversivo (e.g., “*Até que idade viveu na sua casa de infância?*”, “*Costuma lembrar-se muitas vezes dessa casa?*”). As tarefas aplicadas ao grupo de controlo foram idênticas, substituindo-se apenas a tarefa de pensamento diversivo por uma tarefa, com a mesma duração, de velocidade de leitura que serviu como controlo. Neste caso, foi solicitado ao participante que lesse um texto, o mais depressa que conseguisse, sem prestar atenção ao seu conteúdo, uma vez que o objetivo seria somente avaliar a sua velocidade de leitura. Em suma, o procedimento em ambos os grupos segue de perto aquele que é aplicado quando se utiliza como material duas listas de palavras, no âmbito do paradigma da diversão (Delaney et al., 2010).

### **3. Instrumentos**

#### **3.1. Escalas de Sugestionabilidade de Gudjonsson – GSS1 e GSS2**

A Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson (GSS; Gudjonsson, 1997; versão portuguesa de Pires, Silva, & Ferreira, 2013) apresenta, como referido, duas formas paralelas – GSS1 e GSS2 – e é um instrumento que permite identificar indivíduos suscetíveis à sugestão, possibilitando um melhor entendimento em relação à natureza e mecanismos da sugestionabilidade interrogativa (Gudjonsson, 1984). Uma vez que o procedimento de administração deste instrumento foi explicado anteriormente, serão apenas descritos nesta secção os resultados que se podem obter com a sua aplicação.

A evocação imediata é uma medida das capacidades de atenção, concentração e memória (Gudjonsson, 2003). Obtém-se somando as ideias corretamente evocadas sobre a narrativa apresentada, e a sua pontuação varia entre 0 e 40. A evocação diferida é realizada 50 minutos após a evocação imediata e permite obter informação similar à fase descrita anteriormente. Neste estudo não foi incluído este intervalo de retenção (ver anteriormente a secção procedimentos) e, por essa razão, este índice não é considerado. A confabulação expressa a ocorrência de erros de memória, nomeadamente, a substituição de lacunas com informação imaginária, que o sujeito acredita ser real. Obtém-se somando o número de distorções (conteúdos da história que são mudados significativamente) com o número de fabricações

(informação nova que é incluída na evocação da história).

O resultado Cedência 1 consiste no número de questões sugestivas a que o sujeito cedeu no questionamento anterior ao *feedback* negativo. A sua pontuação varia entre 0 e 15, que corresponde ao número de questões sugestivas presentes em cada questionamento. Cedência 2 refere-se ao número de questões sugestivas a que o sujeito cede após a administração do *feedback* negativo, atingindo uma pontuação máxima de 15 pontos. O índice Mudança diz respeito ao número de vezes que o sujeito altera as respostas iniciais, após a apresentação do *feedback* negativo. A pontuação deste índice varia entre 0 e 20, abrangendo todas as questões colocadas (as 15 questões sugestivas e as 5 com informação correta). Dá indicação acerca da vulnerabilidade do sujeito à pressão interrogativa (Gudjonsson, 2003). O resultado Sugestionabilidade Total corresponde ao somatório de Cedência 1 com Mudança, indicando o grau de vulnerabilidade à sugestão. Este índice caracteriza os dois tipos de sugestionabilidade interrogativa descritos no modelo teórico de Gudjonsson e Clark: vulnerabilidade à informação errada (Cedência 1) e vulnerabilidade à pressão interrogativa (Mudança) (Pires, 2011).

Apesar de o índice Mudança na adaptação portuguesa da GSS apresentar menor consistência interna em relação ao instrumento original, as outras medidas caracterizam-se por uma boa consistência interna, semelhante à encontrada com a versão original de Gudjonsson (Pires, Silva, & Ferreira, 2013).

### **3.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos – BSI**

O Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Derogatis, 1982; versão portuguesa de Canavarro, 1999) é um inventário de autorresposta, que permite a identificação de sintomas, cujo preenchimento dura cerca de 10 minutos. Pode ser aplicado individual ou coletivamente, a partir dos 13 anos, a doentes do foro psiquiátrico, indivíduos perturbados emocionalmente e à população geral, funcionando como um instrumento de discriminação de psicopatologia (validade discriminativa). É constituído por uma escala de Likert, com 5 categorias, que varia entre nunca (0 pontos) e muitíssimas vezes (4 pontos). De modo a distinguir indivíduos emocionalmente perturbados de indivíduos pertencentes à população geral, foi tido em conta

o Índice de Sintomas Positivos (ISP) tendo como ponto de corte entre os dois grupos considerados um valor  $\leq 1.7$  que caracteriza os sujeitos da população geral e acima desse valor, os sujeitos emocionalmente perturbados (Canavarro, 2007). Este inventário é constituído por 53 itens distribuídos por nove dimensões de sintomatologia e três índices globais, considerados como avaliações sumárias de perturbação emocional. As dimensões que o compõem são a Somatização, Obsessões-Compulsões, Sensibilidade Interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade Fóbica, Ideação Paranóide e Psicoticismo. Os itens que formam estas dimensões são considerados aspetos importantes para a elaboração de diagnósticos das primeiras cinco categorias da CID-10 e para perturbações do Eixo I do DSM-IV. A consistência interna (medida pelo alfa de *Cronbach*) varia entre .62 e .80, o que representa uma fiabilidade razoável (Canavarro, 2007).

### **3.3. Escala de Autoestima de Rosenberg**

A Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES; Rosenberg, 1965; versão portuguesa de Santos & Maia, 2003) foi desenvolvida para avaliar a auto-estima global. Este tipo de escala abrange um sentido geral de autoconfiança, autovalor e competências pessoais, não sendo específica de domínios particulares (Johnson, 1998).

Foi adaptada e traduzida para português por Santos e Maia (1999, 2003) com amostras de adolescentes, tendo sido posteriormente incluída uma amostra de estudantes do ensino superior (Santos, 2008). É composta por 10 itens, em que 5 têm orientação positiva e 5 conotação negativa, distribuídos por uma escala de Likert com 4 alternativas de resposta, que variam entre discordo fortemente e concordo fortemente. Os resultados totais da RSES variam entre 10 e 40, sendo os valores mais elevados indicadores de níveis mais altos de autoestima. Em estudos com estudantes do ensino superior, foi encontrado um valor de consistência interna satisfatório, com um alfa de *Cronbach* de .82 (Santos, 2008).

## IV – Resultados

A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas da amostra recolhida, considerando a condição de controlo e a condição experimental. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis sociodemográficas<sup>1</sup>. Os participantes, como mencionado, eram estudantes de vários cursos, sendo a maioria de áreas de ciências sociais e humanas (Direito = 16.7% da amostra total; Psicologia = 15.3% da amostra total).

**Tabela 1. Características sociodemográficas do grupo de controlo e grupo experimental**

N=72	Grupo de Controlo N=36	Grupo Experimental N=36
<b>Género</b>	Masc. = 18 (50%)	Masc. = 19 (52.8%)
	Fem. = 18 (50%)	Fem. = 17 (47.2%)
<b>Idade</b>	M = 20.97	M = 21.25
	DP = 1.87	DP = 1.75
<b>Universidade</b>	UC = 23 (63.9%)	UC = 22 (61.1%)
	ISEC = 3 (8.3%)	ISEC = 1 (2.8%)
	ESEC = 4 (11.1%)	ESEC = 6 (16.7%)
	UP = 4 (11.1%)	UP = 3 (8.3%)
	ISMAI = 2 (5.6%)	ISMAI = 2 (5.6%)
	Outra = 0	Outra = 2 (5.6%)
<b>Nível de Escolaridade</b>	1º ano = 5 (13.9%)	1º ano = 6 (16.7%)
	2º ano = 9 (25%)	2º ano = 14 (38.9%)
	3º ano = 11 (30.6%)	3º ano = 9 (25%)
	4º ano = 5 (13.9%)	4º ano = 4 (11.1%)
	5º ano = 6 (16.7%)	5º ano = 3 (8.3%)
<b>Localização Geográfica</b>	Litoral Norte = 23 (63.2%)	Litoral Norte = 22 (61.2%)
	Litoral Centro = 6 (16.7%)	Litoral Centro = 7 (19.5%)
	Interior Norte = 7 (19.5%)	Interior Norte = 4 (11.2%)
	Sul = 0	Sul = 3 (8.4%)

Nota: UC – Universidade de Coimbra; ISEC – Instituto Superior de Engenharia de Coimbra; ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra; UP – Universidade do Porto.

<sup>1</sup> O pressuposto da normalidade foi analisado através do teste de *Kolmogorov-Smirnov*, revelando uma violação da normalidade em todas as variáveis sociodemográficas, à exceção da variável idade para o grupo de controlo. O pressuposto da homogeneidade das variâncias, analisado através do teste de *Levene*, foi cumprido para todas as variáveis.

## 1. Comparação de resultados obtidos na GSS entre o grupo de controlo e o grupo experimental

### 1.1. Indicadores do desempenho mnésico

De modo a comparar entre ambas as condições os resultados relativos aos indicadores de memória alcançados na GSS foi utilizado o teste paramétrico *t-student* para amostras independentes. Podemos ver na Tabela 2 que o desempenho mnésico dos participantes se diferenciou significativamente ( $t(70) = 2.10, p = .039$ ) na evocação da narrativa que foi apresentada antes do pensamento diversivo (grupo experimental) relativamente à mesma narrativa quando apresentada antes da tarefa de leitura rápida (grupo de controlo), exibindo um número superior de evocações o grupo de controlo ( $M = 14.67, DP = 5.24$ ) em relação ao grupo experimental ( $M = 12.21, DP = 4.66$ ), com um tamanho de efeito moderado<sup>2</sup> ( $d = .50$ ). A evocação da história apresentada em segundo lugar não apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ( $t(70) = 1.44, p = .155$ ). O total de confabulações também não se diferenciou de maneira significativa ( $t(70) = .000, p = 1.000$ ) entre os grupos de controlo ( $M = 1.89, DP = 1.49$ ) e experimental (GSS apresentada em primeiro lugar:  $M = 1.89, DP = 1.26$ ) quanto à GSS apresentada em primeiro lugar. O mesmo ocorreu em relação à GSS apresentada em segundo lugar ( $t(70) = -.63, p = .532$ ): o grupo de controlo alcançou uma  $M = 1.53, DP = 1.08$  e o grupo experimental  $M = 1.69, DP = 1.17$ .

Tabela 2. Comparação da evocação imediata das GSS apresentadas em primeiro e segundo lugar por grupo

	Grupo de Controlo		Grupo Experimental		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<b>Evocação Imediata</b>						
<b>GSS lida em primeiro lugar</b>	14.67	5.24	12.21	4.66	2.103*	.039
<b>Evocação Imediata</b>						
<b>GSS lida em segundo lugar</b>	13.65	4.96	11.88	5.52	1.437	.155

Nota: \* $p < .05$

<sup>2</sup> Segundo a classificação de Cohen (1988).

## 1.2. Indicadores de sugestionabilidade

As Tabelas 3 e 4 apresentam a comparação entre ambos os grupos no que respeita a sugestionabilidade avaliada pela GSS, tendo em conta a narrativa ouvida em primeiro lugar (prévia à tarefa de pensamento diversivo ou de velocidade de leitura, conforme a condição experimental dos participantes) e em segundo lugar, respetivamente.

**Tabela 3. Comparação das medidas de sugestionabilidade na GSS apresentada em primeiro lugar por grupo**

	Grupo de Controlo		Grupo Experimental		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<b>Cedência 1</b>	4.06	2.25	5.72	3.01	-2.659*	.010
<b>Cedência 2</b>	5.42	3.58	6.81	3.54	-1.656	.102
<b>Mudança</b>	3.89	3.52	4.64	2.96	-0.979	.331
<b>Sugestionabilidade Total</b>	7.94	4.73	10.36	4.99	-2.109*	.039

Nota: \* $p < .05$

**Tabela 4. Comparação das medidas de sugestionabilidade na GSS apresentada em segundo lugar por grupo**

	Grupo de Controlo		Grupo Experimental		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<b>Cedência 1</b>	4.14	3.16	6.42	3.28	-3.003**	.004
<b>Cedência 2</b>	4.94	3.56	7.03	3.61	-2.467*	.016
<b>Mudança</b>	2.36	2.58	3.81	3.01	-2.186*	.032
<b>Sugestionabilidade Total</b>	6.50	5.24	10.19	5.25	-2.989**	.004

Nota: \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

A sugestionabilidade total em relação à história apresentada em primeiro lugar foi mais baixa no grupo de controlo ( $M = 7.94$ ,  $DP = 4.73$ ) do que no grupo experimental ( $M = 10.36$ ,  $DP = 4.99$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa  $t(70) = -2.11$ ,  $p = .039$ ,  $d = -.49$ ). O mesmo sucedeu com Cedência 1:  $t(70) = -2.66$ ,  $p = .010$ ,  $d = -.62$  ( $M = 4.06$ ,  $DP = 2.25$  e  $M = 5.72$ ,  $DP = 3.01$ , respetivamente, grupo de controlo e grupo

experimental). Os tamanhos do efeito destas variáveis são moderados. As restantes medidas de sugestionabilidade obtidas com a GSS não alcançaram o limiar de significância estatística (ver Tabela 3).

Relativamente à GSS aplicada em segundo lugar, para todos os indicadores de sugestionabilidade interrogativa foram registadas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 4): Sugestionabilidade total ( $M = 6.50$ ,  $DP = 5.24$  e  $M = 10.19$ ,  $DP = 5.25$ , respetivamente, grupo de controlo e grupo experimental, com  $t(70) = -2.99$ ,  $p = .004$ ,  $d = -.70$ ); Cedência 1 ( $M = 4.14$ ,  $DP = 3.16$  e  $M = 6.42$ ,  $DP = 3.28$ , respetivamente, grupo de controlo e grupo experimental, com  $t(70) = -3.00$ ,  $p = .004$ ,  $d = -.71$ ), Cedência 2 ( $M = 4.94$ ,  $DP = 3.56$  e  $M = 7.03$ ,  $DP = 3.61$ , respetivamente, grupo de controlo e grupo experimental, com  $t(70) = -2.47$ ,  $p = .016$ ,  $d = -.58$ ) e Mudança ( $M = 2.36$ ,  $DP = 2.58$  e  $M = 3.81$ ,  $DP = 3.01$ , respetivamente, grupo de controlo e grupo experimental, com  $t(70) = -2.19$ ,  $p = .032$ ,  $d = -.52$ ). Os tamanhos do efeito são moderados para todas as medidas.

## 2. Correlações entre as medidas da GSS e autoestima

De modo a apurar a existência de relação entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa avaliada pelas GSS, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson*. As Tabelas 5 e 6 apresentam os resultados do coeficiente  $r$  de *Pearson* e respetiva significância em relação aos dois grupos para as medidas das GSS, tendo em conta a sua ordem de apresentação.

Tabela 5. Correlações Produto-Momento de *Pearson* entre medidas da GSS apresentada em primeiro lugar e autoestima para cada um dos grupos

		Grupo de Controle	Grupo Experimental
		Autoestima	Autoestima
<b>Cedência 1</b>	<i>r</i>	-.075	.114
	<i>p</i>	.664	.506
<b>Cedência 2</b>	<i>r</i>	-.120	-.044
	<i>p</i>	.484	.797
<b>Mudança</b>	<i>r</i>	-.141	.040
	<i>p</i>	.412	.819
<b>Sugestionabilidade</b>	<i>r</i>	-.141	.093
<b>Total</b>	<i>p</i>	.413	.591

Tabela 6. Correlações Produto-Momento de *Pearson* entre medidas da GSS apresentada em segundo lugar e autoestima para cada um dos grupos

		Grupo de Controle	Grupo Experimental
		Autoestima	Autoestima
<b>Cedência 1</b>	<i>r</i>	-.052	.010
	<i>p</i>	.764	.955
<b>Cedência 2</b>	<i>r</i>	-.068	-.004
	<i>p</i>	.693	.983
<b>Mudança</b>	<i>r</i>	-.093	-.035
	<i>p</i>	.590	.838
<b>Sugestionabilidade</b>	<i>r</i>	-.077	-.004
<b>Total</b>	<i>p</i>	.656	.983

Segundo os valores apresentados nas Tabelas 5 e 6, não se encontraram correlações significativas entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa em nenhum dos grupos, quer na GSS apresentada em primeiro lugar, quer na GSS apresentada em segundo lugar.

## V - Discussão

O presente estudo pretendia analisar a influência do pensamento diversivo ou devaneio na sugestionabilidade interrogativa, medida através da

GSS, numa amostra de estudantes do ensino superior. Para isso, foram comparados dois grupos que diferiam quanto ao procedimento durante a aplicação da GSS: num era pedido que recordassem e descrevessem a sua casa de infância, de modo a se envolverem em pensamento diversivo (grupo experimental), enquanto no outro era requerida apenas a leitura rápida de um texto, sem atender ao conteúdo deste (grupo de controlo). Outro objetivo passou pela verificação da existência de uma relação entre sugestionabilidade interrogativa e autoestima.

A primeira hipótese formulada apontava para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de controlo e o experimental, a nível do desempenho mnésico na história da GSS apresentada em primeiro lugar. Concretamente, era expectável que o grupo na condição de pensamento diversivo (grupo experimental) apresentasse menor desempenho na evocação da primeira história apresentada da GSS, em comparação com o grupo de controlo (efeito amnésico do devaneio). Foi possível concluir que os grupos se diferenciam significativamente neste sentido, considerando-se a hipótese como corroborada. O grupo experimental apresenta menor número de evocações na primeira narrativa da GSS ( $M = 12.21$ ,  $DP = 4.66$ ) em relação ao grupo de controlo ( $M = 14.67$ ,  $DP = 5.24$ ), resultados que vão ao encontro daqueles que foram obtidos em estudos que se debruçaram sobre os efeitos do pensamento diversivo na recordação de listas de palavras (e.g., Sahakyan & Kelley, 2002; Delaney et al., 2010). De facto, a recordação da casa de infância implica uma mudança de contexto mental significativa, o que poderá causar prejuízo na memória de informação aprendida recentemente (neste caso, a primeira narrativa da GSS), devido à distância temporal e espacial do devaneio (Delaney et al., 2010). Em relação à evocação da segunda narrativa, não se registaram diferenças significativas entre os grupos, tal como sucede no paradigma da diversão com listas de palavras, apesar do grupo de controlo ter, novamente, apresentado um maior número de evocações corretas ( $M = 13.65$ ,  $DP = 4.96$ ) em relação ao grupo experimental ( $M = 11.88$ ,  $DP = 5.52$ ).

É de notar que a tarefa de devaneio surtiu o efeito esperado, apesar de grande parte dos sujeitos ( $N = 47$ ) ainda habitar na sua casa de infância, embora de forma não permanente. Após uma análise qualitativa das respostas relativas às perguntas sobre o pensamento diversivo e aos relatos

dos participantes, verificou-se que, nestes casos, a maioria dos sujeitos não visita essa sua casa durante largos períodos de tempo, visto que estuda em cidades distantes. Noutros casos, a sua casa já sofreu remodelações desde a infância. Julgamos que seria uma mais valia comparar quantitativamente o tempo decorrido desde a última vez que cada sujeito deste grupo visitou ou esteve na casa de infância, de modo a perceber se a distância temporal realmente influencia a deterioração da recordação de informação nova recentemente aprendida. De acordo com os resultados encontrados na literatura com o paradigma da diversão, recordar eventos mais distantes tem maior interferência no desempenho mnésico, devido à mudança contextual mais intensa, ou seja, regista-se maior esquecimento das palavras da primeira lista por parte das pessoas que visitaram a casa de infância há mais tempo em contraste com os que estiveram nessa casa recentemente (Delaney et al., 2010).

A segunda hipótese, que previa que os grupos se diferenciavam de forma significativa quanto à sugestionabilidade interrogativa avaliada pela GSS apresentada em primeiro lugar, sendo que o grupo de controlo apresentaria menor sugestionabilidade, pode considerar-se corroborada, atendendo aos índices *Sugestionabilidade Total* e *Cedência 1*. Com as dificuldades mnésicas do grupo experimental na evocação imediata da primeira história seria de esperar um aumento da sugestionabilidade interrogativa. Assim, o grupo experimental e o de controlo distinguiram-se significativamente, com o primeiro a obter resultados mais elevados nos índices *Sugestionabilidade Total* ( $M = 10.36$ ,  $DP = 4.99$  e  $M = 7.94$ ,  $DP = 4.73$ , respetivamente grupo experimental e grupo de controlo) e *Cedência 1* ( $M = 5.72$ ,  $DP = 3.01$  e  $M = 4.06$ ,  $DP = 2.25$ , respetivamente grupo experimental e grupo de controlo). Porém, as diferenças entre os grupos quanto aos restantes índices da GSS apresentada em primeiro lugar não alcançaram o limiar de significância estatística, embora se tenham registado valores mais elevados nos índices *Cedência 2* e *Mudança* também no grupo experimental (ver Tabela 3).

Não deixa de ser curioso que, embora o desempenho mnésico dos grupos não se tenha estatisticamente distinguido entre si em relação à GSS apresentada em segundo lugar, a sugestionabilidade interrogativa foi menor no grupo de controlo, sendo esta diferença estatisticamente significativa.

Esta situação poderá dever-se, pelo menos em parte, ao facto de após o questionamento relativo à primeira história da GSS, alguns sujeitos se aperceberem do objetivo do *feedback* negativo (alguns entrevistados disseram: “*Está a examinar se eu altero as minhas respostas*”), o que poderá ter levado a uma diminuição da média do índice *Mudança* respeitante à GSS aplicada em segundo lugar (Tabela 4).

A terceira hipótese previa a existência de uma relação negativa e estatisticamente significativa entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa, ou seja, quanto maior fosse a autoestima, menores os níveis deste tipo de sugestionabilidade. Apesar de ser expectável esta relação entre autoestima e sugestionabilidade, tendo em conta estudos anteriores (e.g., Bain et al., 2004; Baxter et al., 2002; Gudjonsson & Lister, 1984; Singh & Gudjonsson, 1984), não foram encontradas correlações significativas (ver Tabelas 5 e 6), o que não permite corroborar a hipótese formulada. No mesmo sentido deste resultado, Drake et al. (2008) também não encontraram relações significativas quando analisaram as correlações entre a autoestima (avaliada pela escala *Culture-free Self-esteem Inventory; CFSEI, adult version*; Battle, 1981) e a sugestionabilidade interrogativa, medida pela GSS1. Note-se ainda que na RSES, aplicada no presente estudo, a ausência de uma alternativa intermédia (“*nem concordo nem discordo*”) poderá ter contribuído para a menor fiabilidade de algumas respostas dos participantes, o que foi referido por alguns deles. É possível que, na resposta a perguntas mais explícitas (e.g., “*Em termos gerais, inclino-me a achar que sou um falhado*”), a tendência foi a de dar uma resposta mais favorável. Pode ter ocorrido alguma apreensão, especialmente por parte de sujeitos conhecidos da investigadora, de expressarem realmente como se sentiam.

Podem apontar-se algumas limitações neste estudo. A eventual ocorrência de devaneio espontâneo (pensamentos acerca do quotidiano ou preocupações pessoais) durante a audição das narrativas não foi monitorizada, o que pode ter também interferido na codificação e consequente recuperação da informação (Smallwood & Schooler, 2006). Assim, seria interessante manter um registo de todas as ocasiões em que os sujeitos se envolvessem em pensamentos diversivos (e.g., Smallwood et al., 2008), de forma a perceber se realmente a maior quantidade de devaneio prejudicaria mais a memória e consequentemente a sugestionabilidade.

A recolha de dados, em alguns casos, coincidiu com épocas de trabalhos/exames ou ocorreu no fim do dia, em período de aulas, o que pode ter afetado a concentração e a memória. A avaliação da atenção, memória e funções executivas através de instrumentos padronizados (e.g., *Trail Making Test*, subtestes Código ou Memória de Dígitos da WAIS-III, subtestes Localização Espacial ou Sequências de Letras e Números da WMS-III) deveria ser considerada em investigações futuras.

A avaliação da desejabilidade social, na qual resultados acima do ponto de corte fossem critério de exclusão, também faria sentido neste tipo de estudo, não só para obter resultados mais fidedignos, por exemplo, na escala de autoestima, mas também para distinguir sujeitos que dessem respostas apenas com o intuito de agradar na GSS. Aliada a esta variável, seria importante avaliar a complacência dos sujeitos, visto que pareceu notar-se, em alguns casos, uma tendência para agradar ou o evitamento de confronto com o entrevistador, em situações de dúvida em relação à resposta.

Uma vez que esta investigação é pioneira a nível da avaliação da sugestionabilidade interrogativa segundo o paradigma da diversão, é necessário mais apoio empírico. É importante a realização de investigações futuras noutras populações, nomeadamente em crianças e adultos idosos, tendo em conta os aspetos referidos anteriormente.

## Conclusões

Na presente investigação observou-se, ao que se conhece, pela primeira vez, o efeito amnésico do devaneio na evocação de material no formato de história. Registou-se, também pela primeira vez, o impacto negativo do pensamento diversivo ou devaneio na sugestionabilidade interrogativa, medida pela GSS, mais concretamente nos índices *Cedência I* e *Sugestionabilidade Total*. No que diz respeito à autoestima, não foi encontrada qualquer correlação entre esta e a sugestionabilidade interrogativa. Os dois grupos de estudantes do ensino superior comparados neste estudo estavam equiparados quanto às variáveis género, idade e escolaridade.

O resultado respeitante ao efeito amnésico do devaneio poderá advir da mudança de contexto mental operada pela recuperação de uma memória. Influência do pensamento diversivo na sugestionabilidade interrogativa avaliada pela Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson

autobiográfica remota, em discrepância com a realidade presente. Esta diminuição do desempenho mnésico poderia ter contribuído para o aumento da sugestionabilidade interrogativa uma vez que, em face de incerteza associada à falibilidade da memória, o quadro de referência interno do indivíduo é menor, fazendo com que confie mais em pistas externas.

Quanto à não observação de correlações significativas entre a autoestima e a sugestionabilidade interrogativa, podemos apontar algumas reservas respeitantes à versão da escala utilizada (e.g., formato dicotómico de resposta) e possíveis receios pessoais dos participantes.

Os principais resultados obtidos neste estudo chamam-nos à atenção de que em avaliações da fiabilidade de testemunhos pelos órgãos de justiça, devem ser tidos em consideração vários domínios que possam influenciar a sugestionabilidade interrogativa (i.e., não devem basear-se apenas na administração de escalas de sugestionabilidade), designadamente a monitorização do devaneio, uma vez que este pode interferir na recordação de informação recentemente adquirida e na própria sugestionabilidade interrogativa.

No futuro, seria interessante aplicar o procedimento utilizado neste estudo a outro tipo de amostras: por exemplo, indivíduos mais jovens e mais idosos, garantindo um poder amostral mais amplo. Este estudo sublinha a necessidade de maior apoio empírico relativamente à associação entre a sugestionabilidade interrogativa e outras variáveis relevantes como a desejabilidade social, memória, atenção, complacência e, inclusive, o devaneio, dirigido ou não.

## Bibliografia

- Baddeley, A. (1999). *Essentials of human memory*. Hove: Psychology Press.
- Bain, S. A., & Baxter, J. S. (2000). Interrogative suggestibility: The role of interviewer behavior. *Legal and Criminological Psychology*, 5 (1), 123-133.
- Bain, S. A., Baxter, J. S., & Fellowes, V. (2004). Interacting influences on interrogative Suggestibility. *Legal and Criminological Psychology*, 9, 239–252. doi:10.1348/1355325041719419
- Baird, B., Smallwood, J., & Schooler, J. W. (2011). Back to the future: Autobiographical planning and the functionality of mind-wandering. *Consciousness and Cognition*, 20, 1604–1611. doi:10.1016/j.concog.2011.08.007
- Battle, J. (1981). *Culture-free SEI self-esteem inventories for children and adults*. Seattle, WA: Special Child Publications.
- Baxter, J. S., & Boon, J. (2000). Interrogative suggestibility: the importance of being earnest. *Personality and Individual Differences*, 28, 753-762
- Baxter, J. S., Jackson, M., & Bain, S. A. (2003). Interrogative suggestibility: Interactions between interviewees' self-esteem and interviewer style. *Personality and Individual Differences*, 35 (6), 1285-1292. doi: 10.1016/S0191-8869(02)00349-5
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. R. Simões, C. Machado, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.). *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (pp. 305-331). Coimbra: Quarteto.
- Canter, D. (2010). *Forensic psychology: A very short introduction*. New York: Oxford University Press.
- Cast, A. D., & Burke, P. J. (2002). A theory of self-esteem. *Social Forces*, 80 (3), 1041-1068. doi: 10.1353/sof.2002.0003

- Charchat, H., & Moreira I. (2008) Memória e envelhecimento. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, 7 (1), 52-56.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Elbaum.
- Delaney, F. P., Sahakyan, L., Kelley, M. C., & Zimmerman, A. C. (2010) Remembering to forget: The amnesic effect of daydreaming. *Psychological Science*, 20, 1-7. doi: 10.1177/0956797610374739
- Drake, K. E. (2009). *The psychology of interrogative suggestibility*. (Ph.D. Thesis), University of Leicester, Leicester, United Kingdom.
- Drake, K. E. (2010). The psychology of interrogative suggestibility: A vulnerability during interview. *Personality and Individual Differences*, 49, 683-688. doi: 10.1016/j.paid.2010.06.005
- Drake, K. E., Bull, R., & Boon, J. C. (2008). Interrogative suggestibility, self-esteem, and the influence of negative life-events. *Legal and Criminological Psychology*, 13, 299-307. doi: 10.1348/135532507X209981
- Fonseca, A. C. (2006). Psicologia Forense: Uma breve introdução. In A. C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. Taborda Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia forense* (pp. 3-23). Coimbra: Almedina.
- Gecas, V. (1982). The self-concept. *Annual Review of Sociology*, 8, 1-33.
- Gecas, V., & Schwalbe, M. L. (1983). Beyond the looking-glass self: social structure and efficacy-based self-esteem. *Social Psychology Quarterly*, 46 (2), 77-88
- Gheorghiu, V. A. (1989). The development of research on suggestibility: Critical considerations. In V. A. Gheorghiu, P. Netter, H. J. Eysenck, & R. Rosenthal (Eds.), *Suggestion and suggestibility: Theory and research* (pp. 3-56). Berlin: Springer- Verlag.
- Gonçalves, R. A. (2010). Psicologia forense em Portugal: Uma história de responsabilidades e desafios. *Análise Psicológica*, 1 (28), 107-115.

- Gudjonsson, G. H. (1984). A new scale of interrogative suggestibility. *Personality and Individual Differences*, 5 (3), 303-314.
- Gudjonsson, G. H. (1989). Theoretical and empirical aspects of interrogative suggestibility. In V. A. Gheorghiu, P. Netter, H. J. Eysenck, & R. Rosenthal (Eds.), *Suggestion and suggestibility: Theory and research* (pp. 135-143). Berlin: Springer-Verlag.
- Gudjonsson, G. H. (1999). *The psychology of interrogations, confessions, and testimony*. Chichester: Wiley.
- Gudjonsson, G. H. (2003). *The psychology of interrogations and confessions: A handbook*. Chichester: Wiley.
- Gudjonsson, G. H. (2010). Interrogative suggestibility and false confessions. In J. M. Brown & E. A. Campbell (Eds.), *The Cambridge handbook of forensic psychology* (pp. 202-208). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gudjonsson, G. H., & Lister, S. (1984). Interrogative suggestibility and its relationship with perceptions of self-concept and control. *Journal of the Forensic Science Society*, 24, 99-110. doi:10.1016/S0015-7368(84)72302-4
- Hamachek, D. E. (1987). *Encounters with the self* (3rd ed.). New York: Holt, Rinehart, & Winston.
- Johnson, M. (1998). Self-esteem stability: the importance of basic self-esteem and competence strivings for the stability of global self-esteem. *European Journal of Personality*, 12, 103-116
- Lieberman, D. (2012). *Human learning and memory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Loftus, E. F. (2003). Our changeable memories: Legal and practical implications. *Nature Reviews Neuroscience*, 4, 231-233.
- Maillet, D., & Rajah, M. N. (2013). Age-related changes in frequency of mind-wandering and task-related interferences during memory

encoding and their impact on retrieval. *Memory*, 21 (7), 818-831, doi: 10.1080/09658211.2012.761714

Mastroberardino, S., & Marucci, F.S. (2012). Interrogative suggestibility: Was it just compliance or a genuine false memory? *Legal and Criminological Psychology*, 18 (2), 274-286. doi: 10.1111/j.2044-8333.2012.02048.x

McVay, J. C., & Kane, M. J. (2009). Conducting the train of thought: Working memory capacity, goal neglect, and mind wandering in an executive-control task. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 35, 196–204. doi:10.1037/a0014104

Meggert, S. S. (1989). “Who cares what I think?”: Problems of low self-esteem. In D. Capuzzi & D. Gross (Eds.), *Youth at-risk: A resource for counselors, teachers and parents* (pp. 97-119). Alexandria, VA: American Association of Counseling and Development.

Mooneyham, B., & Schooler, J. (2013). The costs and benefits of mind-wandering: A review. *Canadian journal of experimental psychology*, 67 (1), 11-18, doi: 10.1037/a0031569

Pires, R. (2011). Estilos de personalidade e vulnerabilidade à sugestão no contexto de uma relação interpessoal (Tese de Doutoramento não publicada), Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal.

Pires, R., Silva, D. R., & Ferreira, A. S. (2013). Portuguese adaptation of the Gudjonsson Suggestibility Scales (GSS1 and GSS2): Empirical findings. *Personality and Individual Differences*, 54, 251–255. doi:10.1016/j.paid.2012.09.008

Ridley, A. (2013). Suggestibility: A history and introduction. In A. Ridley, F. Gabbert, & D. J. La Rooy (Eds.), *Suggestibility in legal contexts: Psychological research and forensic implications* (pp. 1-20). Chichester: Wiley-Blackwell.

- Sahakyan, L., & Kelley, C.M. (2002). A contextual change account of the directed forgetting effect. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 28, 1064–1072.
- Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior. In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & V. Ramalho (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol. XIII)[CD-ROM]. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática* (2), 253-268.
- Schooler, J. W., Reichle, E. D., & Halpern, D. V. (2004). Zoning out while reading: Evidence for dissociations between experience and metacognition. In D. T. Levin (Ed.), *Thinking and seeing: Visual metacognition in adults and children* (pp. 203–226). Cambridge, MA: MIT Press.
- Shobe, K. K., & Kihlstrom, J. F. (2002). Interrogative suggestibility and “memory work”. In M. Eisen, J. Quas, & G. Goodman (Eds.), *Memory and suggestibility in the forensic interview* (pp. 309-330). New Jersey: Erlbaum.
- Silber, E., & Tippett, J. S. (1965). Self-esteem: clinical assessment and measurement validation. *Psychological Reports*, 16, 1017-1071.
- Singh, K., & Gudjonsson, G. (1984). Interrogative suggestibility, delayed memory and self-concept. *Personality and Individual Differences*, 5 (2), 203–209.
- Smallwood, J. M., Baracaia, S. F., Lowe, M., & Obonsawin, M. (2003). Task unrelated thought whilst encoding information. *Consciousness and Cognition*, 12, 452–484. doi:10.1016/S1053-8100(03)00018-7
- Smallwood, J., McSpadden, M., & Schooler, J. W. (2007). The lights are on but no one’s home: Meta-awareness and the decoupling of attention

when the mind wanders. *Psychonomic Bulletin & Review*, *14*, 527–533. doi:10.3758/BF03194102

Smallwood, J., McSpadden, M., & Schooler, J. W. (2008). When attention matters: The curious incident of the wandering mind. *Memory & Cognition*, *36*, 1144–1150. doi:10.3758/MC.36.6.1144

Smallwood, J., O'Connor, R. C., Sudberry, M. V., Haskell, C., & Ballantyne, C. (2004). The consequences of encoding information on the maintenance of internally generated images and thoughts: The role of meaning complexes. *Consciousness and Cognition*, *13*, 789–820. doi: 10.1016/j.concog.2004.07.004

Smallwood, J., O'Connor, R. C., Sudbery, M. V., & Obonsawin, M. (2007). Mind-wandering and dysphoria. *Cognition and Emotion*, *21*, 816–842. doi:10.1080/02699930600911531

Smallwood, J., & Schooler, J. W. (2006). The restless mind. *Psychological Bulletin*, *132*, 946–958. doi:10.1037/0033-2909.132.6.946

Tulving, E. (1985). How many memory systems are there?. *American Psychologist*, *40* (4), 385-398.

Tulving, E. (2002). Episodic memory: From mind to brain. *Annual Review of Psychology*, *53*, 1-25.

Weisberg, R. & Reeves, L. (2013). *Cognition: from memory to creativity*. New Jersey: Wiley.

## **Anexos**

## ANEXO I. Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar no presente estudo sobre memória, tendo tomado conhecimento dos seus objetivos. Fui esclarecido(a) acerca dos aspectos que considero importantes e as questões que coloquei foram respondidas.

Fui informado(a) de que em qualquer momento posso recusar a colaboração no estudo e de que a minha recusa não terá quaisquer consequências. Foi-me ainda garantido que a confidencialidade e anonimato dos meus dados estão assegurados, sendo para uso exclusivo da investigação.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_

## **ANEXO II. Instruções para a tarefa de leitura rápida de um texto e paradigma da diversão**

### **Condição controlo – Tarefa de leitura rápida de um texto**

*“Vou ler-lhe duas histórias. Preste muita atenção, pois mais tarde vou pedir-lhe para me dizer tudo o que se recorda acerca de cada uma delas.”*

Após a leitura da primeira narrativa da GSS (GSS1 ou GSS2), é dito ao sujeito:

*“Antes de passarmos à História 2, vou pedir-lhe para fazer uma outra tarefa. Agora vai ler em voz alta o texto que eu lhe vou mostrar. Não precisa de prestar atenção ao conteúdo, mas procure ler o mais depressa que for capaz porque queremos observar a sua rapidez de leitura.”*

Colocar o texto à frente do participante de modo que ele o possa ler. Ao fim de 45 segundos dizer ao participante para parar.

*“Já não é preciso ler mais”.*

*“Vamos então passar à História 2.”*

Depois da apresentação da segunda narrativa da GSS, segue-se a etapa da tarefa distrativa de contagem na ordem inversa:

*“Agora vamos ainda passar por outra tarefa. Vai contar no sentido inverso, ou seja às avessas, até eu dizer que pode parar. O nº com que vai começar é 125. Vamos então, 125, diga os outros nºs antecedentes pela ordem.”*

Registrar as respostas. Parar esta tarefa após 90 segundos de contagem. Posto isto, segue-se a fase de evocação imediata de ambas as histórias.

*“Diga-me tudo o que se lembra acerca da primeira/ segunda história apresentada”*

Registrar as evocações.

### Condição experimental – pensamento diversivo

*“Vou ler-lhe duas histórias. Preste muita atenção, pois mais tarde vou pedir-lhe para me dizer tudo o que se recorda acerca de cada uma delas.”*

Após a leitura da primeira narrativa da GSS (GSS1 ou GSS2), é dito ao sujeito:

*“Antes de passarmos à História 2, vou pedir-lhe para fazer uma outra tarefa. Feche os olhos durante cerca de 1 segundo e tente visualizar a casa onde viveu durante a sua infância (ou durante parte da sua infância). Se consegue vê-la claramente, pode abrir os seus olhos. Descreva-me, com pormenor, a casa tendo como começo a entrada pela porta da rua. Diga-me como eram os compartimentos, que mobília tinham e que objectos se poderiam encontrar.”*

Registrar a descrição feita pelo participante. Decorridos 45 segundos desde o início da descrição feita pelo participante terminar esta tarefa.

*“Vamos então passar à História 2.”*

Depois da apresentação da segunda narrativa da GSS, segue-se a etapa da tarefa distrativa de contagem na ordem inversa:

*“Agora vamos ainda passar por outra tarefa. Vai contar no sentido inverso, ou seja às avessas, até eu dizer que pode parar. O nº com que vai começar é 125. Vamos então, 125, diga os outros nºs antecedentes pela ordem.”*

Registrar as respostas. Parar esta tarefa após 90 segundos de contagem. Posto isto, segue-se a fase de evocação imediata de ambas as histórias.

*“Diga-me tudo o que se lembra acerca da primeira/ segunda história apresentada”*

Registrar as evocações.

No final desta tarefa foram colocadas as seguintes perguntas sobre o pensamento diversivo:

- *Até que idade viveu na sua casa de infância?*
- *Costuma lembrar-se muitas vezes dessa casa?*
- *Exceptuando a situação há pouco, quanto tempo decorreu desde a última vez em que esteve a pensar ou a recordar a sua casa de infância?*
- *O que sente quando recorda a sua casa de infância?*